

DECIFRA-ME OU TE DEVORO

Tive uma grata surpresa ao encontrar na listagem de títulos selecionados para o PNBE 2007, um livro sem texto. Não, não era erro de impressão. Muito pelo contrário. O livro João e Maria, de Taisa Borges, editado pela Peirópolis é muito bem impresso a quatro cores e em papel couchê. Mais espanto ainda me causou, ao saber que a lista se destinaria a alunos de 5ª a 8ª série e não para a pré-escola, nem para o ensino fundamental. Na quarta capa do livro, um texto avisa premonitivamente: “Para leitores de todas as idades”.

O livro de imagem, ou sem texto, foi durante muito tempo o patinho feio do mercado editorial, o que é um contracenso, já que, em geral, são livros muito bonitos... Trocadilhos à parte, a maior dificuldade encontrada era exatamente a falta de texto. De um lado, professores sem saber como interagir com ele e muito menos como usá-lo pedagogicamente em sala de aula. De outro lado, os pais, e o mercado de uma forma geral, preocupados com a educação de seus filhos, acabam dando preferência livros com cada vez mais volume de texto, acompanhando o desenvolvimento e seu domínio da leitura escrita.

Mal comparando, o mesmo tipo de dificuldade aflige também outros meios de expressão, como a música instrumental, a arte abstrata, o cinema mudo, a dança e outras expressões artísticas nas quais o texto é subliniar. Inserido, mas não explícito. Obras que necessitam ser ‘lidas’ com outros olhos. Com interpretação e com sensibilidade. Essa é a sua riqueza.

Mais do que um livro ‘sem texto’ – que, além de ter sugerir a falta de algo, é quase uma antítese, já que os livros são, historicamente, os suportes ideais para textos – o livro de imagem precisa ocupar uma categoria particular e única. São livros que se utilizam de uma ‘gramática’ não verbal e, em geral, pedem uma narrativa diferenciada, simples e complexa ao mesmo tempo. Uma narrativa que não deve ser construída baseada na simples ‘tradução’ da linguagem verbal, buscando atender o leitor ainda não alfabetizado. Isso reduz sobremaneira as potencialidades comunicacionais e as alternativas de linguagem do livro de imagem.

Na verdade, o que tem acontecido é praticamente o oposto. A multiplicidade de leituras, transforma o livro de imagem em alvo de traduções para o campo verbal. Traduções individuais, em grupo, teatralizadas ou simplesmente recontada internamente a cada nova leitura. As imagens se transformam em texto na cabeça do leitor e é essa leitura que eleva o livro de imagem ao patamar da literatura, lado-a-lado com os livros somente textuais e com aqueles que se utilizam de texto e imagem na construção da narrativa.

Uma obra literária (concebida para qualquer grupo ou faixa etária) é universal e não deveria estar presa a rótulos e limitações. A divisão das obras literárias em grupos classificatórios, podem facilitar sua catalogação e atender a questões relativas a sua comercialização, mas são, acima de tudo, divisões e creio que o momento atual é de somar e multiplicar, não de dividir e o leitor merece e precisa de diversidade.

Na literatura, além da objetividade necessária para que a comunicação se estabeleça, a imagem também traz em si toda uma subjetividade interpretativa, capaz de aumentar a carga dramática da narrativa, gerando leituras paralelas indispensáveis. Afinal, todas as leituras são indispensáveis.

A imagem na literatura infantil não é ornamental. Nem funcional. Nem literal. Ela tem a capacidade de potencializar a narrativa, abrindo possibilidades e enriquecendo o diálogo entre o livro e o leitor. O texto conta uma história, a imagem outra e o leitor constroi a sua. A melhor e a mais importante delas.

Porque então, praticamente não se encontram nas prateleiras das livrarias e das bibliotecas, livros compostos essencialmente por imagens e destinados ao público adulto?

Pesquisando no mercado, fica claro que, para esse segmento, os únicos livros de imagem oferecidos, são de quadrinhos ‘adultos’ ou publicações mais do âmbito do ‘livro de arte’, como os que trazem charges, cartuns ou ilustrações compiladas de veículos de imprensa.

Essa divisão entre o ‘texto’ e a ‘imagem’ começa muito cedo, ainda nas carteiras escolares. As manifestações artísticas são, infelizmente, colocadas em um segundo plano e o aluno é levado, por um sistema de educação funcional e pragmática, a crer que a partir de uma certa idade, é preciso abrir mão do lado lúdico e sensorial em prol de uma formação mais ‘séria’ e objetiva. As aulas de arte passam a ganhar a alcunha de superficiais e de ‘coisas de criança’. A arte e o pensar artístico acabam sendo encarados como puro entretenimento sem importância e não como uma ferramenta cultural imprescindível na construção de uma nação e de sua identidade.

Assim, acaba se prevelegiando a formação tecnológica, deixando em segundo plano, alguns pilares como a educação artística e o questionamento filosófico. Isso gera, inevitavelmente, reflexos indelévels na formação de nossa sociedade, limitando conhecimentos e diminuindo possibilidades de relacionamento social e humano.

A leitura sensível de uma obra de arte depende de subjetividade, que é, por essência, transgressora, libertadora e incontrolável. O enriquecimento humano passa pelo enriquecimento cultural e a cultura é alimentada pela diversidade e pela pluralidade de instrumentos, linguagens, intenções, veículos e suportes.

A imagem, por sua vez, é um veículo de informação universal. Basta ver o uso e o abuso na internet, da linguagem iconográfica. Ela busca a síntese e o entendimento global, e isso só possível por um meio não verbal. Ainda mais em uma babel virtual e globalizada como a que estamos vivendo. Assim como a sinalização de um via urbana, as diversas vias virtuais precisam utilizar sinais que facilitem a circulação.

Pensando por esse prisma, escola e a literatura teriam, entre tantos outros, também o papel de incentivar e participar da ‘alfabetização visual’ do leitor, oferecendo instrumentos e informações que o capacitem a dialogar de todas as formas possíveis com o mundo que o cerca. Este mundo novo, virtual e dinâmico, no qual somos bombardeados

diariamente por inúmeras imagens, as quais, pedem uma decodificação cada vez mais rápida e precisa. Decifra-me ou te devoro! Eis o desafio.

O livro de imagem, na verdade, é um grande desafio para todos: pais, professores e para os profissionais do livro. Para o autor, por exemplo, é árdua e gratificante a tarefa e, em alguns momentos, assemelha-se a tentar contar uma história ou uma piada utilizando-se somente de gesto de mímica. Faltam palavras, preposições e adjetivos. Sobram imagens, símbolos e sinais.

Existem livros com uma narrativa linear, uma história a ser contada. Quando a história existe originalmente como texto, a não ser quando a história em questão é de conhecimento prévio do leitor - como um conto de fada por exemplo - a tradução de um texto para uma linguagem não verbal, de forma literal e direta, simplesmente não funciona. Assim como no cinema, o texto precisa ser adaptado e se transformar em um roteiro. Todo ele baseado em imagens, ritmo e escala cromática.

Mais do que isso, em alguns livros somente a solução pela imagem é capaz de gerar a carga dramática necessária. Como no mergulho poético que é proporcionado pelo premiadíssimo livro *Cena de Rua*, de Angela Lago, editado pela RHJ em 1994. O livro mostra o dia-a-dia banal e venal de crianças de rua em um sinal de trânsito comum, de uma esquina qualquer em uma metrópole brasileira qualquer. Ilustrações carregadas de cor, sobre um fundo preto, transbordam de poesia e denúncia e têm o poder de revelar nosso lado sombrio de fechar o vidro do carro para o problema.

Em outros casos, a ludicidade e o manuseio do livro é que são a chave, como no *Ida e Volta*, de Juarez Machado, lançado em 1976 pela editora Agir. Neste livro, o autor joga com o leitor e a narrativa se revela a cada página, onde uma faixa quase contínua de pegadas, varrem o livro de início ao fim. Pegadas cotidianas de um homem comum, pontuando seus afazeres desde quando acorda até o momento em que volta para casa à noite, fechando o ciclo e o livro.

Já no livro citado lá no início, a fábula de João e Maria, escrita no início do séc XIX pelos irmãos Grimm, é interpretada visualmente por Taisa Borges. Tendo em mãos uma história amplamente conhecida, a autora pode utilizar diversas linguagens na execução das ilustrações, buscando cargas dramáticas e narrativas diferenciadas. Os personagens centrais, João e Maria, por exemplo, são, na maior parte do livro, representados em preto em branco cercados de profusão de cores e texturas empregadas na elaboração dos cenários e na representação gráfica dos outros personagens. Além do resultado artístico e plástico, o uso de técnicas digitais nas ilustrações impregnam de contemporaneidade um texto escrito há duzentos anos atrás.

Além disso tudo, o livro de imagem, quando bem conceituado, produzido e divulgado, tem o potencial de ultrapassar barreiras geradas pelo idioma, e facilitar a edição e a comercialização em países estrangeiros.

Uma imagem vale mais que mil palavras? Uma palavra vale mais que mil imagens? Qual a frase mais certa? Na verdade, ambas. A literatura vive da diversidade, na multiplicidade e o leitor tem direito a tudo isso. E muito mais.